

SECA NO ES

MAPA DA CRISE HÍDRICA

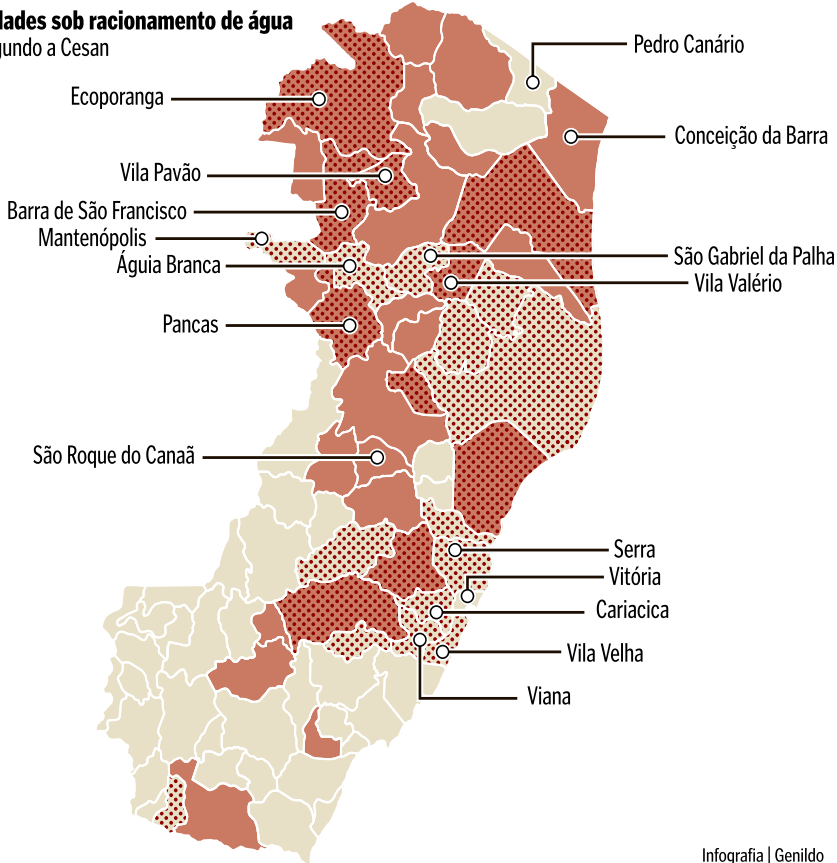
Municípios em situação de emergência
segundo o Ministério da Integração Nacional

- Água Doce do Norte
- Alto Rio Novo
- Aracruz
- Barra de São Francisco
- Boa Esperança
- Castelo
- Colatina
- Conceição da Barra
- Domingos Martins
- Ecoporanga
- Governador Lindenberg
- Itaguaçu
- Jaguaré
- Marilândia
- Mimoso do Sul
- Montanha
- Mucurici
- Nova Venécia
- Pancas
- Ponto Belo
- Rio Novo do Sul
- Santa Leopoldina
- Santa Teresa
- São Domingos do Norte
- São Mateus
- São Roque do Canaã
- Venda Nova do Imigrante
- Vila Pavão
- Vila Valério

Municípios em estado crítico
segundo a Agerh

- ◆ Águia Branca
- ◆ Apiacá
- ◆ Aracruz
- ◆ Barra de São Francisco
- ◆ Cariacica
- ◆ Domingos Martins
- ◆ Ecoporanga
- ◆ Fundão
- ◆ Linhares
- ◆ Mantenópolis
- ◆ Marechal Floriano
- ◆ Marilândia
- ◆ Pancas
- ◆ Rio Bananal
- ◆ Santa Leopoldina
- ◆ Santa Maria de Jetibá
- ◆ São Gabriel da Palha
- ◆ São Mateus
- ◆ Serra
- ◆ Sooretama
- ◆ Viana
- ◆ Vila Pavão
- ◆ Vila Valério
- ◆ Vila Velha

○ **Cidades sob racionamento de água**
segundo a Cesan



Infografia | Genildo

Aumenta vazão do Rio Jucu

▄ O volume de água no Rio Jucu aumentou muito nos dois últimos dias. Sua vazão, que há meses vinha se mantendo bem abaixo do limite crítico, superou a marca em quase duas vezes. Ela saiu de 5.127 litros/segundo, medidos no último dia 27, para 10.017 litros/segundo, ontem. A vazão crítica é de 5.292 litros/segundo.

O mesmo não aconteceu com o Rio Santa Maria da Vitória, que ainda mantém níveis bem abaixo do crítico. Na medição realizada ontem ele apresentava uma vazão de 2.212 litros/segundo, enquanto o limite de alerta permanece em 3.800 litros/segundo.

O motivo, segundo Roberto Ribeiro, secretário-executivo do Comitê do Rio Santa Maria, é a falta de chuva na região onde está localizada a nascente do manancial. “Tem chovido muito pouco em Santa Maria de Jetibá. No último final de semana não caiu nem 30 milímetros”, relatou. Ele acrescenta que o nível de água na Represa Rio Bonito também é muito baixo.

Mas o aumento da vazão do Rio Jucu não suspende, segundo informou a Cesan, o racionamento na Grande Vitória.

2,8 MILHÕES AFETADOS PELA SECA NO ESTADO

Mais de 80% da população sofrem com crise da água



▄ **SIUMARA GONCALVES**
▄ **RAFAEL GOMES**

De Mimoso do Sul, na divisa com o Rio de Janeiro, a Mucurici, no extremo Norte capixaba, os problemas causados pela pior crise hídrica da história do Espírito Santo já afetam mais de 2,8 milhões de pessoas.

Mais de 80% da população do Estado está sofrendo os efeitos da falta de água, somando as localidades que decretaram situação de emergência e estado crítico por causa da

estiagem. Já são 46 municípios afetados de acordo com o levantamento feito por A GAZETA.

A relação de cidades afetadas tem como base três listas: 29 municípios que sofrem com a estiagem já tiveram situação de emergência decretada pelo Ministério da Integração Nacional. Mais 15 municípios constam na relação de áreas afetadas segundo a Agência Estadual de Recursos Hídricos (Agerh), mas ainda não tiveram situação de emergência decretada pelo governo federal. Além delas, outros dois municípios – Vitória e Pedro Canário – não constam em nenhuma das duas listas, mas já passam por racionamento de água pela Cesan. Todas essas cidades possuem problemas de abastecimento de água tratada no momento.

“Estamos em um período



LOUISY CARVALHO

Estratégia
Subgerente de um restaurante em Vitória, Willian tem estratégia para lidar com o racionamento.

“A gente passou a usar apenas um pano para limpar o chão do restaurante”

— **WILLIAN CARDOSO** 28 ANOS

de estiagem prolongada. A previsão é de que chova acima da média de outubro a dezembro. Temos que tomar cuidado, porque todo ano tem período de chuva e de seca, e caso não chova corretamente pode ocorrer um novo período de estiagem no meio do ano”, afirma o professor da Ufes Antônio Sérgio Ferreira Mendonça, doutor em Engenharia de Recursos Hídricos.

A maior parte dos municípios afetados está nas regiões Norte e Noroeste, onde a situação dos rios é ainda mais crítica.

VEJA NA WEB

www.gazetaonline.com.br



FOTOS
Veja imagens da situação dos rios do Estado.
leia.ag/afetados

RIO SANTA MARIA



“Choveu muito pouco, menos de 30 milímetros, e a situação do rio permanece muito crítica. Por isso ele permanece com vazões tão baixas, ao contrário do Rio Jucu”

ROBERTO RIBEIRO
COMITÊ DO RIO SANTA MARIA DA VITÓRIA

SECA NO ES

Octaciano Neto

“Nosso modelo de irrigação tornou-se insustentável”

Secretário defende o uso de equipamentos de gotejamento na agricultura

▲ PATRIK CAMPOREZ
pmacao@redgazeta.com.br

“O modelo de utilização da água no Espírito Santo entrou em colapso.” A afirmação é do secretário de Estado da Agricultura, Octaciano Neto, em entrevista concedida à reportagem de A GAZETA, ontem. Ele também reconheceu que a crise hídrica atual não é culpa exclusiva da falta de chuva, mas de um modelo de desenvolvimento que tem usado os rios e córregos do Estado de forma “insustentável”.

Além da falta de chuva, quais são os fatores responsáveis pelo colapso hídrico atual?

É uma combinação de dois fatores principais. Um, é que ampliamos demais o uso da irrigação na agricultura. Há 15 anos a área agrícola irrigada era quase nula. Hoje, somos o segundo Estado que mais irriga. O problema não está na crise hídrica em si, porque crise hídrica nós sempre tivemos, e momentos de excesso de chuva também. O que acontece é uma crise hídrica combinada com o uso intensivo da água, o que gerou o colapso. Por isso precisamos repensar esse modelo de desenvolvimento baseado no uso intensivo da água. E isso é papel não só do produtor rural, mas das cidades e das próprias indústrias.

Mas a agricultura é o setor que mais consome...

Sim. Quase 10% da área agricultável do Estado é irrigada. Quando nós tínhamos 2% da área irrigada, cabia pivô central (tipo de irrigação), por exemplo. Com 10%, não cabe. Por mais que, do ponto de vista agrônomo, possam ser mais eficientes, sistemas de irrigação como os de pivô não cabem mais. Não tem como pensar em um mo-



MARCELO PREST

Octaciano Neto: aposta deve ser reservar água, ampliar a cobertura florestal e investir em tecnologia

delo que não seja o de gotejamento.

É preciso repensar o modelo agrícola do Estado?

Os clusters (arranjos produtivos locais) de agricultura do Estado estão bem montados. Não vejo a necessidade de ampliar a diversificação. O Estado já é bastante diversificado do ponto de vista da produção agropecuária. Precisamos fazer muitas coisas, mas a saída não está no retrocesso. Não precisamos pensar em reduzir a irrigação, mas em usar sistemas mais eficientes, como o de gotejamento. Também temos que pensar em variedades de plantas que resistam com menos água. O Incaper vai lançar, a partir do ano que vem, variedades mais resistentes de café, que nas próximas secas serão mais tolerantes à escassez intensa.

Dá para dizer que o Es-

“
O modelo de crescimento industrial baseado no uso intensivo da água, com pouco aproveitamento e reúso, também é insustentável”

tado errou ao adotar o modelo agrícola das monoculturas?

Nossa geração errou ao fazer apostas em desenvolvimento sem criar infraestrutura de reservação de água. A gente não errou ao atrair a atividade industrial, nem em incentivar a agricultura irrigada ou crescer as cidades. Nas décadas de 1950, 60 e 70, o modelo de desenvolvimento era voltado a produzir mais alimento. Para isso precisava desmatar. A aposta agora é reservar água, ampliar a cobertura florestal e investir em tecnologia. Essa combinação vai tornar nossa agricultura sustentável para os próximos anos. E não podemos esquecer que a agricultura tem segurado a economia capixaba e brasileira. Nos últimos 25 anos, a balança comercial brasileira foi positiva em 400 bilhões de dólares gra-

ças, exclusivamente, à agropecuária.

Como está o andamento do programa de ampliação de barragens, a maior aposta sua no início desta gestão?

O governo vai aplicar R\$ 92 milhões em barragens até 2018. Outra parte está vindo via prefeituras, que têm programas municipais de incentivo a construção de barragens. E tem outra parte que é bancada pelo próprio produtor. O Bandes lançou uma linha de crédito de R\$ 80 milhões só para construção de barragem. Estamos também apostando na desburocratização. Em 2013, foram licenciadas 70 barragens. Desde a entrada em vigor da nova legislação, em 2014, foram mais de 5,3 mil empreendimentos agropecuários com barragens licenciadas. No mínimo precisamos dobrar a quantidade de barragens. Hoje temos

cerca de 30 mil delas, e precisamos chegar a 60 mil.

Em que situação está a cobrança do uso da água dos rios?

Está lento. Precisamos acelerar. Temos que entender que esse dinheiro não é para o governo, mas para produzir mais água. É importante cobrar porque os comitês vão ter dinheiro para fazer proteção de topo de morro, para ampliar a cobertura florestal e preservar nascentes. A política nacional de recursos hídricos existe há 20 anos, permitindo essa cobrança, mas até hoje temos poucos avanços.

Na agricultura vemos várias medidas mais duras, como a lacração de bombas de irrigação, para garantir o abastecimento das cidades. O que está sendo aplicado na indústria?

O modelo de crescimento industrial baseado no uso intensivo da água, com pouco aproveitamento e reúso, também é insustentável. Mas, assim como não podemos criminalizar o produtor rural, não podemos criminalizar a indústria. No momento de colapso não é lugar de procurar mocinhos nem bandidos. Todos nós, enquanto sociedade, temos que fazer esse esforço.

Qual está sendo o impacto econômico dessa crise, já que o PIB do Estado é totalmente dependente do setor agropecuário?

Se a gente considerar a produção agrícola de 2014, a preços correntes de 2015 e 2016, a perda é de R\$ 3,6 bilhões. Isso representa mais de duas arrecadações da cidade de Vitória. Só devemos recuperar a agricultura ao patamar de 2014, em toneladas, no ano de 2019. A gente não tem nem um capixaba sequer que de certa forma não foi impactado.